

TRANCOSO (São Pedro)

A igreja de Santa Maria da Fresta localiza-se na antiga freguesia de São Pedro de Trancoso e dista cerca de 650 m da Praça do Município. Sair da Praça em direção à rua Conde de Tavares e virar à esquerda na avenida Dr. Fernando Vaz. Continuar pela avenida Eng. Frederico Ulrich e cerca de 300 m à frente virar à esquerda para a Calçada da Senhora da Fresta, cuja igreja se encontra um pouco mais à frente, à esquerda.

O enquadramento da igreja de Santa Maria da Fresta é periurbano e isolado, nas proximidades das antigas portas de São João, na chamada zona extramuros, na vertente este do morro onde se implanta o castelo. Está ladeada pelo cemitério paroquial e por alguma vegetação.

Igreja de Nossa Senhora da Fresta

LOCALIZADA FORA DA ANTIGA MURALHA de Trancoso, a igreja de Nossa Senhora da Fresta é talvez um dos poucos templos deste período que sobreviveu na região. O orago inicial seria Santa Maria do Sepulcro, como se lê num instrumento de renúncia de Rodrigo Eanes a favor do cabido da sé de Viseu, em que uma das testemunhas que assina o documento é Luís Esteves, abade de Santa Maria do Sepulcro de Trancoso. Este templo terá pertencido à Ordem do Santo Sepulcro, cuja presença no nosso território recua ao tempo de D. Teresa. Só muito mais tarde, no tempo de D. João III, veio a adotar o nome de Nossa Senhora da Fresta. Não obstante a leitura crítica que devemos ter, conta-nos o autor do Boletim da DGEMN publicado no ano de 1953 que em finais do século XII, quando se terá edificado a igreja românica em substituição de um "pequeno templo primitivo", "se encontrou, entaipada no vão de uma fresta, a imagem da padroeira, Nossa Senhora do Sepulcro (da Piedade ou do Pranto, como outros a nomeiam), que havia desaparecido do seu altar e se crera destruída pelos sarracenos, durante uma das suas antigas incursões". Foi então esta descoberta festejada como um milagre, justificando-se assim a denominação do templo. Acresce que também em 1612 foi extinta a irmandade de Nossa Senhora do Sepulcro, contribuindo para que este nome desaparecesse.

A primeira referência à provável existência de um templo cristão neste local data do início do século X e tratar-se-ia de uma inscrição comemorativa dessa construção. Atualmente, desconhece-se o seu paradeiro, mas teria sido reaproveitada, com outros fragmentos, para a edificação de uma casa no século XVIII. Segundo a reconstituição proposta por Mário Barroca, a partir da versão de Lopes Correia, poderia ler-se:

[I]N E(ra) (d)CC[cc]L DO / MVS DOMIN / I FIRMITER ·
E / DIFICAT [...]

Também de paradeiro desconhecido, mas originária da igreja de Nossa Senhora da Fresta é a inscrição que o referido historiador data, por sua vez, de [1177-1187]. A leitura adotada é a de Alexandre Herculano:

Si Vis Scire Tempus Quando fuit Capta Iherusaleo .
Era . MCCXV

Tratar-se-ia de uma inscrição comemorativa talvez da fundação da igreja de Nossa Senhora da Fresta, às portas de Trancoso, extramuros, gravada num silhar da fachada principal, à direita do portal, atrás de uma cruz de pedra. Apesar de a inscrição se referir ao ano 1177, a capitulação de Jerusalém frente a Saladino teve lugar em 2 de outubro de 1187, o que levanta problemas quanto à datação cronológica da inscrição, levando Mário Barroca a adotar aquela datação crítica.

Seguramente atribuída ao ano 1184 é a inscrição funerária do presbítero Soeiro, gravada em silhar de granito, na ombreira direita do portal lateral norte desta igreja. A leitura apresentada por Mário Barroca é a seguinte:

+ Era M^a CC^a o XX^a / II^a : OBIIT · SUA / RIVS : PRESBI / TER :
PATER Noster

Nesta igreja, Mário Barroca identificou uma outra inscrição funerária datada do ano 1293 e gravada ao longo de três silhares na face interna da parede sul da nave:

Era · M^a · CCC^a · XXX · I^a · OBIIT: PETRUS:

No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis, em 1320, com vista a obter



Perspetiva geral da igreja.
Alçados norte e oeste

Alçado norte. Inscrição funerária do presbítero Soeiro



financiamento para a Cruzada, a igreja de Santa Maria do Sepulcro surge entre as igrejas de Trancoso, na diocese de Viseu, e foi taxada em 50 libras, um dos valores mais baixo no âmbito dessas igrejas.

As Memórias Paroquiais de 1758, copiam os registos efetuados em 1732 para o caso das paróquias de Santa

Maria e São Pedro. Segundo João Nuno Sotto, abade de Nossa Senhora da Fresta, a fábrica desta igreja era de "boa cantaria", desconhecendo quem a edificara. O seu orago era Nossa Senhora do Sepulcro "talvez por estar a Senhora com seu Santíssimo Filho, nos braços, como ao descer da Cruz", havendo aí uma antiga irmandade com essa invocação. A designação *da Fresta* foi-lhe atribuída pelos naturais "por ser tradição que em huma fresta, que está na capella mor, em a qual esteve a Senhora the há poucos annos, ficara a devota imagem no tempo dos mouros; he esta Senhora muy milagroza". A igreja tinha três altares e por cima do altar-mor tinha pintada a imagem "da Senhora arrimada à fresta, em que de antes estava metida".

Não podemos realizar qualquer leitura arquitetónica e artística da igreja de Nossa Senhora da Fresta sem considerar que a campanha de obras levada a cabo pela DGEMN, e terminada em 1953, tentou devolver à igreja a sua primitiva traça ou, melhor, aquilo que se considerava ser essa traça primitiva. Uma análise atenta daquilo que o Boletim noticiá, dos seus desenhos e das fotografias que comprovam as obras realizadas, são um bom testemunho de como não podemos compreender a arquitetura românica sem que se considere estas ações. Tal como aconteceu com a capela de Nossa Senhora do Mileu (Guarda), também



Cachorros da cabeceira. Alçado norte (em cima), alçado sul (em baixo)

aqui foram as questões devocionais que determinaram as opções tomadas. As atenções centraram-se então sobre o interior da igreja e particularmente na capela-mor. Uma razão explica-o, a recuperação de "grande parte da [sua] feição original".

Cumprindo orientação canónica, a igreja conserva dentro do gosto medieval a sua nave única e cabeceira. Edificados em granito pseudo-isódomo, bem esquadriado, ambos os corpos receberam telhado de duas águas. Convém desde já referir que a cobertura, da nave e da cabeceira, foi totalmente remontada durante as obras de restauro da DGEMN. No contexto desta intervenção realizou-se uma outra e que condicionou a legibilidade que hoje temos do edifício. Falamos do "rebaixamento das paredes da capela-mor, que tinham sido desproporcionadamente elevadas" para acolhimento da máquina retabular barroca. Ora, a diferenciação volumétrica que hoje se nos afigura evidente entre a nave e a cabeceira, sendo esta mais baixa e mais estreita que a primeira, resulta desta intervenção realizada em meados do século xx. Mais, sendo que se intentou acentuar a sua feição primitiva, ou seja, a medié-vica, foi neste contexto apeado o antigo retábulo-mor e "reconstituído em conformidade com os elementos para tal fim procurados e encontrados, reocupou o lugar que



Portal norte

o intruso lhe havia usurpado com tão indiscreta arrogância, permitindo sem nenhum artifício o reaparecimento da fresta do fundo – a mesma que, segundo a tradição, facultou seguro asilo, em remotos dias de perigo, à imagem da Padroeira".

Certo é que a existência de afloramentos graníticos sob o atual edifício confirma como o granito é uma das mais sólidas bases, no nosso substrato geológico, para lançamento de fundações. O muro fundeiro da cabeceira, rematado em empena triangular, é rasgado por uma muito estreita fresta que, com alargamento para o interior da igreja, a ilumina a partir de este. De forma semelhante, uma fresta permite a iluminação da abside a partir do lado sul, substituindo um amplo janelão barroco com sua grade e vidraça. Cachorros de secção quadrangular, ricamente ornamentados, sustentam uma profunda cornija. Tanto aqui, como no alçado norte da cabeceira e nos dois da nave, os temas esculpidos nos cachorros são bastante variados. Destaquemos as composições de meias esferas, os focinhos de animais, a representação de quadrúpedes e, até, a representação de figuras humanas de corpo inteiro, acoradas, a ocultar o sexo com as mãos. Alguns cachorros são lisos, fruto da ação da DGEMN e que visou uma reconstituição volumétrica do conjunto. Encontramo-los



*Perspetiva geral da igreja.
Alçados este e sul*

na cabeceira, no lado norte. A este alçado encosta-se hoje a sacristia, de planta quadrangular e volumetricamente mais baixa que a cabeceira. Convém notar que durante as mesmas obras a sacristia foi profundamente transformada na sua dimensão e na sua elevação por forma a tornar a cabeceira mais desafogada. No Boletim da DGEMN assume-se, primeiro, a "demolição parcial do anexo, de moderna construção, onde se achava instalada a sacristia" e, depois, a sua reconstrução, "compreendendo várias obras complementares".

Os alçados da nave são cegos. Rasgam-nos hoje dois portais que os técnicos do restauro encontraram entaipados e que vieram a libertar. Inscrito na espessura do muro, o portal lateral sul é composto por duas arquivoltas que, não tendo colunas nem impostas, assentam sobre os pés direitos do muro. De volta perfeita, a exterior é ornada com enxaquetado, sendo a interior lisa, bem facetada. O tímpano, liso, apoia-se em mísulas ornadas. Com estrutura semelhante, o portal norte tem as suas arquivoltas totalmente lisas. O tímpano é que se diferencia pelo facto de ter incisa uma cruz de dois braços, coroada com pequeno arquinho também inciso. Em ambos os alçados da nave conservam-se mísulas a meia altura do paramento, indicando-nos que existia uma estrutura alpendrada de cada lado.

O alçado oeste afirma-se pela linguagem da época moderna, talvez setecentista, e perante ele a intervenção da DGEMN demonstrou uma outra atitude. Diz-nos o Boletim que se procedeu ao seu arranjo, "segundo as características dominantes". Foi posto particular cuidado nos seus rebocos e foram feitas obras consideradas "indispensáveis à regularização do seu aspecto".

Como dissemos já, foi no interior da igreja que as obras de restauro se mostraram mais notórias visando recuperar a feição primitiva da igreja onde, numa fresta, aparecera miraculosamente uma imagem de Nossa Senhora. Uma apreciação das fotografias publicadas no Boletim da DGEMN daquilo que era esta igreja antes de 1950 permite-nos ajuizar do alcance da intervenção e da evidente transformação realizada. Foram picados rebocos, levantados azulejos, apeados altares, bem como o púlpito e o coro alto. Na sequência do apeamento do retábulo-mor, como já se referiu, foi o altar-mor reconstituído. Além disso, permitiu pôr a descoberto um conjunto significativo de pintura mural que se vê na parede fundeira da abside, mas também no interior da fresta, e que acabou por ser também restaurada. As paredes da capela-mor e as que ladeiam o arco triunfal ainda conservam vestígios de pinturas murais alusivas à Anunciação e à Adoração dos Pastores.



Pormenor do portal sul



*Interior. Perspetiva geral
a partir do lado oeste*

Neste contexto foi ainda totalmente reconstituído o arco triunfal. Se antes da intervenção da DGEMN este apresentava-se amplo e bastante elevado, concebido

em linhas clássicas, passou então a apresentar uma configuração românica. Composto por duas arquivoltas quebradas, apoiadas sobre imposta e sem colunas. O motivo

enxaquetado, com meias esferas no chanfro, marca o arco envolvente que enquadra uma arquivolta marcada por um toro diédrico e uma outra, lisa e bem facetada. A leitura do espaço interior ficou decididamente alterada com este arranjo que acabou por fechar a capela-mor à nave e enfatizar a sua pretensa medievalidade. Os responsáveis pelo restauro da DGEMN sustentam esta intervenção quando afirmam que “o feliz achado de algumas das respectivas cantarias [do arco triunfal] – que tinham sido utilizadas, como pedras informes e sem valor, em diversas paredes – permitiu afinal a sua reconstituição completa”. De facto, uma análise atenta do processo desta igreja e do espólio fotográfico da extinta DGEMN, permite-nos identificar algumas peças, essencialmente aduelas e frisos com enxaquetados, aproveitados como enchimento nos muros da igreja e talvez até da sacristia. Todavia, nada nos indica que as mesmas são provenientes do arco triunfal primitivo. A legibilidade do interior desta igreja foi, portanto, profundamente transformada, comprovando uma vez mais como não podemos entender a arquitetura românica portuguesa sem considerar as obras de restauro. Para este facto alertou-nos já Urbano Afonso quando, a propósito deste arranjo, afirma que “nada garante a fidelidade da solução seguida em termos de escala, formato e decoração final”.

Igreja fundada no século XII, sob a invocação de Santa Maria do Sepulcro, viu a sua designação alterada para

Senhora da Fresta na sequência de um suposto milagre que revelou uma imagem escondida na fresta da parede testeira da abside. Conforme indicia a inscrição funerária identificada por Mário Barroca, a igreja deveria já servir ao culto em 1184. O seu aspeto primitivo foi alterado com a construção do frontispício e da torre sineira, na sequência da reforma barroca do século XVIII, promovida pelo bispo de Pinhel, D. Cristóvão de Almeida.

Em 1944 foi classificada como Imóvel de Interesse Público e seguiu-se uma campanha de restauro do edifício, promovida pela DGEMN.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, II, pp. 772-779; ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 4 (de 912 (?), Insc. n.º 155 (de [1177-1187]), Insc. n.º 174 (de 1184) e Insc. n.º 426 (de 1293); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 4 (de 912 (?), Insc. n.º 177 (de [1177-1187]), Insc. n.º 197 (de 1184); BOISSELLIER, S., 2012, p. 172; CAMELO, A., 2003, pp. 389-414; CORREIA, L., 1989, pp. 19-83, 239-246 e 319-329; COSTA, A., 1929-49, XI, pp. 819-826; DGEMN, 1953; GEPIB, 1935-60, XXXII, pp. 460-481; MEM. PAROQ. 1758 (2013), pp. 579-591, 774, 778 e 782; PATRIMÓNIO CULTURAL; SIPA.